

“E vós, quem dizeis que eu sou?”

Tríduo Pascal dos Colegiais de Comunhão e Libertação
Rímíni, 1º a 3 de abril de 2010

Primeira meditação – “Esta falta é falta de quê?”

por Eugenio Nembrini

Talvez tenhamos começado de um modo um pouco estranho, vendo essas fotos, com os rostos de nossos grandes amigos, e ouvindo a canção que diz: “Qui presso a Te, Signor/ restar vogl’io” (“Aqui contigo, Senhor, eu quero ficar”). É que este é o desafio destes dias.

Ouçam o que padre Carrón nos disse no funeral de padre Giorgio Pontiggia, em outubro do ano passado: “Quem és Tu, ó Cristo, que podes apaixonar tanto a vida de um homem? Quem és Tu, que podes atrair o eu todo, a pessoa inteira, com toda a sua capacidade, a sua imaginação, a sua intensidade, para pô-la a Teu serviço, para poder comunicar aos homens – não com palavras, mas com a vibração e a intensidade que só Tu podes introduzir na vida – a Tua própria vida? Quem és Tu, ó Cristo? Nós, todos nós – e vocês, jovens, viram isso de modo particular –, pudemos tocar com as nossas próprias mãos o tipo de novidade que Cristo pode introduzir na vida de um homem quando este se deixa tomar por inteiro, por inteiro. A partir daí, tudo se torna uma paixão; o que vimos em padre Giorgio foi essa paixão que Cristo é capaz de despertar na vida de um homem: uma paixão por Ele, Cristo, e por todos os homens. [...] Padre Giorgio comunicou a única coisa necessária para viver e morrer: Cristo, o único que responde, o único que é capaz de nos acompanhar na vida e de nos acompanhar na morte. Por isso, estamos em débito com padre Giorgio, pois ele testemunhou essa paixão a todos nós. Nada mais nos permite viver e nem serve para morrer”.

Estamos em débito com padre Giorgio. Aliás, é justamente por lembrar dele, dessa sua paixão pela vida e por Cristo, que queremos levar a sério o desafio destes dias. Um desafio que ele, em primeiro lugar, levou a sério, desde que era menino; mas é um desafio que, graças a Deus, muitos e muitos amigos nossos na Itália e no mundo vêm acolhendo. E eu lhes garanto que é impressionante estar deste lado da mesa e olhar para vocês. Não vejo a todos; consigo ver bem aqueles que estão aqui à frente, depois os rostos vão-se perdendo. Mas é impressionante olhar para vocês, ver um por um, e lhes dizer: “Você, Giovanni, Stefano, Maria...” Cada um substitua pelo seu nome. “Você, encarando estes amigos, quer assumir este desafio?”

Assim, nestes dias queremos simplesmente nos ajudar a responder a esta pergunta, sem nos esconder dela: “Quem és tu, ó Cristo?” Ou, de maneira ainda mais direta, a responder à pergunta que Ele mesmo fez a seus amigos, e que hoje, olhando-nos olhos, repete a cada um de nós: “Você, vocês, quem dizem que eu sou?”

1. O grande aliado: o coração

Temos um grande aliado para encarar esse desafio. É a coisa mais simples e que nos dá mais medo: é a nossa humanidade. Uma humanidade tão... humana, tão normal. Para responder a essa pergunta, não somos ajudados pelos pensamentos, pelos raciocínios, pelos livros que lemos. A primeira grande ajuda, a primeira grande ternura que Deus tem conosco é justamente o nosso coração, a nossa humanidade. A humanidade no sentido mais simples, mais literal do termo.

Então, o que é preciso? Será que é preciso que sejamos maduros, inteligentes, capazes, justos, bons? Mas quem de nós poderia alinhar, ao lado de seu nome, todas essas características? Talvez você até encontre alguém que seja bom, mas não muito inteligente; ou inteligente e não bom... Por outro lado, certamente todos podemos alinhar ao nosso nome outros termos: pecador, fraco, frágil...

É a nossa humanidade: fracos, frágeis, mas estamos aqui. Jesus, estamos aqui. Mas quem nos

obrigou a estar aqui? Quem é que nos obriga? Nestes dias, todos estão indo aproveitar o feriado, todos vão viajar. No fundo, todos estão saindo para responder a essa mesma humanidade que grita por um sentido, por um significado. E as pessoas nos provam isso de mil formas diferentes. Já nós estamos aqui. Não porque sejamos melhores, mas porque, talvez, tivemos a oportunidade de vislumbrar um pequeno clarão. Um sinal. Uma possibilidade.

Então, é preciso simplesmente que sejamos leais. Sublinhem esta palavra: “leais”. Leais com nós mesmos, dá para entender? Não precisamos de mais nada. Parece quase um paradoxo que possa ser tão simples. Preciso ser leal com todo o grito do meu coração, com toda a raiva que carrego por dentro, com toda a beleza que vislumbrei, com todos os limites, os defeitos, os males, meus e dos outros. Leal. Parem de procurar desculpas; não vale pôr a culpa na mãe, no pai, nas circunstâncias, no professor, na escola. Você precisa ser leal, leal com a pergunta e o grito do seu coração. E leal também com um outro fato, que já começa a se tornar experiência na sua vida: o fato de que você não é capaz de responder a essa pergunta, a esse grito. Leal.

Tenho gravada em meus olhos, neste momento, a imagem de duas tatuagens, que já fazem parte daqueles coisas que você encontra e que depois o seguem pela vida afora. A primeira tatuagem é a que uma jovem do Cazaquistão de 20 anos fez em sua testa. Ela se chama Nadežda, que significa “esperança”. Nós a conhecemos numa penitenciária feminina; estava no bloco das doentes de Aids. Portanto, numa situação ainda mais terrível. Eram vinte lá dentro. E ela tinha tatuado na testa esta frase: “Eu odeio”. Uma menina de 20 anos. Como é possível? Como é que pode uma mulher, uma menina de 20 anos, tatuar na testa uma frase como essa, como se fosse sua identidade, como se dissesse: “Esta sou eu: eu odeio”? Como é possível?

Nós nos conhecemos. Aos poucos, fomos ficando amigos. E depois de poucos meses, antes de morrer, Nadežda pediu que lhe dessem uma pedra e arranhou a testa inteira para tirar aquela marca que anos antes havia posto ali. Pois ela dizia: “Eu não sou isso que eu escrevi. Eu sou uma mulher que grita, que pede a felicidade”. Não era uma mulher religiosa, no sentido em que nós entendemos; era de tradição ateia. Pouco antes de morrer, pediu que suas companheiras a sepultassem (porque ali, quando a pessoa morre na prisão, é sepultada na prisão: se não tiver terminado de cumprir sua pena, é obrigada a cumpri-la mesmo depois de morta) e quis que cantassem a canção *Povera voce*, que descobriu e aprendeu nesse meio-tempo. E não parava de dizer: “Eu sou essa voz”.

A segunda tatuagem que trago gravada nos meus olhos é a do nosso amigo Giovanni, da penitenciária de Pádua. Talvez muitos de vocês o tenham conhecido, pode ser que o tenham visto no Meeting de Rímini; é aquele homenzarrão napolitano, o maior de todos eles, com braços de estivador. Ele escreveu em seu braço: “A violência é a minha lei”. Sua história também é dramática, uma situação difícil. A última vez que encontrei os amigos da penitenciária de Pádua, ele tinha acabado de obter uma licença para passar seis dias em Nápoles, depois de vinte anos de prisão. Pensem que letícia, que alegria para ele, reencontrar seus amigos, seus parentes, seus sobrinhos. Além de tudo, estava em casa: finalmente voltava a Nápoles. Tinha seis dias de licença. Mas voltou para a prisão dois dias antes do previsto. E me disse: “Eugenio, eu não podia faltar ao dia de hoje”. Amanhã vou contar a vocês o que aconteceu naquele dia. Mas fiquei comovido com aquele homem que volta para casa depois de vinte anos e perde dois dias de liberdade para estar lá conosco.

Vocês estão vendo? São duas histórias marcadas pelo limite da pessoa ou pelo limite dos outros. Mas, no fim das contas, esses dois amigos não são definidos por suas tatuagens: “Eu odeio” e “A violência é a minha lei”. São definidos por uma outra coisa: por esse encontro misterioso, mas extraordinário, capaz de finalmente preencher o coração que procurou em vão por tantos anos.

Por isso, quero que cantemos *Povera voce* juntos. Porque é a canção que nos descreve também. Nós não estamos na prisão, mas temos a mesma história, sem tirar nem pôr; a mesma pergunta, idêntica; é o mesmo, idêntico, coração. A partir de hoje, quando cantarmos esta canção, além de pensar em nós, pensemos nessa amiga do Cazaquistão: “Eu, agora, sou essa voz que grita”.

Cantos: *Povera voce*, *Give me Jesus*

2. “Quero isso agora!”

“Caro padre Eugenio, já faz um bom tempo, mais ou menos dois anos, que vivo uma dor imensa, um mal que não sei a que se deve. Também não consigo entender de onde esse mal se origina. Mas isso influencia tudo o que eu tenho de fazer: a escola (já não consigo estudar), a música... Tudo. Meu medo é sempre muito grande, enorme. Mas por que tenho medo? Ver que eu nunca tenho uma trégua, que nunca sou poupado em nada dessa dor misteriosa me assusta cada vez mais. Será que Cristo pode mesmo tomar esse coração por inteiro, do jeito que ele é? Será que pode ampará-lo por inteiro em suas mãos, para que o meu coração não fique sempre tremendo assim? Nesta situação tão estranha, eu me pergunto se realmente vou conseguir um dia olhar para mim mesmo com a ternura com que os meus amigos me olham: com os olhos d’Ele.”

Essa é uma das muitas cartas que vocês enviaram, pelas quais lhes agradeço muitíssimo. Por quê? Porque comoveram a mim em primeiro lugar, e me obrigaram a encarar essa pergunta por sentido, que é realmente dramática: “Jesus, será que você pode mesmo tomar todo o meu coração, do jeito que ele é? Será que pode ampará-lo em suas mãos, para que não fique sempre tremendo assim?”

“Diante do drama do Haiti, a resposta a todas as perguntas que surgem deveria ser fácil para uma boa cristã: será tudo para um bem maior para todos nós. Ou: nada acontece por acaso, tudo tem um sentido. Mas não é assim. Essas frases já não me bastam, já não me satisfazem. Já não curam a ferida que se abriu em mim depois de um fato como esse: eu preciso de uma outra coisa. Eu me envergonhava, e ainda me envergonho por isso. Às vezes invejo amigos da minha idade que não têm essas perguntas; eles encaram com uma certa indiferença alguns fatos que, em mim, provocam uma tristeza infinita. Eu tentava ignorar essa ferida, mas em vão. Quanto mais procurava ignorar a minha dor, as minhas perguntas, mais estas me dilaceravam: era impossível adormecê-las, a dor era sufocante. O sentimento de vazio, com o passar do tempo, era devastador: não existe dor maior. Mas, se Jesus morreu na cruz por nós, pelo nosso bem, para nos salvar, onde está agora?”

“Antes deste verão, eu procurava a felicidade de todas as formas e nunca a encontrava; até fazer amor com a minha namorada me deixava um vazio por dentro, um gelo que eu nunca tinha sentido. Mas, se nem isso me basta, o que me basta? Se eu quero ser cem por cento feliz e mal consigo chegar a um por cento, o que são os outros noventa e nove por cento? Só decepção?”

E ainda: “Este Deus que eu tanto pedi, que até se revelou neste último mês, me escapa esta noite. É como se eu ainda não o possuísse completamente. Não o possuo como possuo a minha pergunta, que sem Ele não valeria nada. Não vejo a hora de encontrá-Lo plenamente; mas não quero que se revele apenas quando eu morrer. Quero-o esta noite, quero-o agora! E este é realmente um grande problema. Eu me irrita e fico com raiva por diversas coisas, mas diante disso enlouqueço, não suporto a ideia de que o que eu mais amo e desejo seja o que mais me escapa e mais me torna impotente”.

Percebam que esses são vocês. Estou lendo vocês! E são cartas de tamanha beleza, profundidade e dramaticidade, que eu gostaria que de vez em quando isso fosse experimentado também por seus pais, pelos adultos que estão próximos de vocês, por seus professores.

“Nestes dois anos, cresceram em mim perguntas que me contentei em reconhecer como questões impossíveis de resolver, para as quais nunca procurei uma resposta. Deixei-me levar por uma companhia que me iludiu e acabei achando uma solução: simplesmente esquecer essas perguntas. Comecei a fumar, e não foram cigarros. É uma sensação agradável a da razão sumindo, dos sentidos diminuindo, de você rindo sem parar, sem motivo nenhum. Mas continua sempre a faltar alguma coisa; nunca fico satisfeito. Não consigo encontrar o que venho buscando, mesmo sem saber o que realmente é. Então, começo a ir à balada, quero me divertir como os outros e aí bebo, bebo para ofuscar a mente e ter a coragem de dizer ou fazer certas coisas que normalmente não digo nem faço, para não ser eu mesmo, para esquecer o vazio interior que me atormenta cada dia mais. Acho que buscar o entorpecimento para esquecer o vazio interior acaba apenas por alimentá-lo. É por isso que atormenta cada vez mais”.

Eu poderia continuar indefinidamente, porque é uma mais bonita que a outra... “De novembro para cá, tive dois grandes abalos na minha vida: perdi o relacionamento com meu melhor amigo, depois de me apaixonar por ele e não ter sido correspondida, e descobri que meu pai teve uma amante nos dois últimos anos, o que tem feito a minha família passar por um momento muito difícil. Depois de gritar a Deus toda a minha raiva e incompreensão, me tornei cínica diante da vida; já não consigo ver as coisas boas na minha vida, e tenho muito medo disso. Meus pais não se acertam, brigam. Seu casamento parece sempre a ponto de acabar; é uma dificuldade gigantesca, uma ferida enorme. Quando estou em minha casa com eles não fico tranquila, me sinto esmagada por essas circunstâncias. Mas, se Cristo tem a ver com tudo, onde está nestes momentos?”

“Onde está nestes momentos?” Amigos, eu hoje quero dizer a mim mesmo e gritar a vocês, da maneira que conseguir, uma única coisa. Uma só. Não quero que saíamos hoje daqui com duas coisas, mas uma só, clara: que sentir, perceber, experimentar toda essa dor, essa falta, essa dificuldade descrita muito bem por vocês, por cada um de vocês, é uma graça infinita. A nossa graça, a nossa humanidade... Mas usemos um termo mais simples: a nossa *sorte* é que somos feitos desse jeito.

Há anos, li um artigo que me marcou muito. Falava de um jovem americano que tinha uma doença raríssima. Sabem qual era a doença? Ele não sentia dor! Não sentia nenhum tipo de dor física. Quando comecei a ler, disse imediatamente: “Como assim, ‘doença’? Que sorte! Não sentir dor é o máximo”. Mas, em seguida, o artigo descrevia a vida dele. Primeiro fato: apendicite. A apendicite é uma coisa extremamente simples; quem já teve sabe: uma pequena dor na barriga que vai aumentando, você vai ao médico, opera e tudo certo. É uma coisa simples; mas todos vocês sabem que, se não for operada, vira peritonite, e peritonite pode matar. Só que ele não sente dor! E a apendicite está ali; esse rapaz corre o risco de morrer disso. Segundo exemplo: quando criança, ele brinca no quintal com os amigos, corre, se corta. Um corte. Quantas e quantas vezes já não nos cortamos: paramos, gritamos “ai!” e fazemos um curativo. Ele não. Ele não sente dor; nem vê o corte. E corre o risco de morrer de hemorragia. Mas o que mais me impressionou foi a terceira hipótese: a pessoa cai no sono perto da lareira. Qualquer um cai no sono. Acontece. A pessoa cai no sono. E estica a perna perto do fogo. O que acontece? A perna assa! Assa, estão entendendo? A pessoa não acorda, porque não sente dor. Em resumo, dizia o artigo, esse pobre coitado é obrigado a passar a vida inteira fazendo um *checkup* atrás do outro, só para ver se não está acontecendo algo grave com o seu corpo que possa levá-lo à morte.

Juro a vocês que depois de ler isso comecei a dizer: puxa, que sorte a minha! Que sorte eu tenho de sentir! Que sorte eu tenho de sentir dor, que sorte! Que presente o Pai Eterno me deu! Ele me deu esta luzinha extraordinária, que, quando alguma coisa não vai bem na minha vida, acende. E, assim, me ajuda a encarar aquilo, permite-me tomar uma atitude.

3. A anestesia

Nós dissemos isto logo no início, amigos: o grande presente, a grande arma, o que temos de mais próximo, o aliado que temos neste percurso é justamente esta nossa humanidade que grita, que pede, que sente dor. Que sorte temos de sentir dor! Realmente, o “não-humano”, o contrário disso, se chama “anestesia” – para usar a imagem belíssima que ouvimos há pouco tempo. Anestesia: não sentir dor. Não sentir. Não ter desejos. Pensem nas cartas que li antes. Eu não li os nomes dos autores, mas poderiam ter sido escritas pelo amigo que está sentado ao lado de vocês. Pois bem; tentem só responder a ele: “Deixa pra lá. Não se pergunte essas coisas, não faça essas perguntas idiotas”. Era o que escrevia Sapegno, um “grande” crítico literário, ao comentar o poeta Leopardi. Ele dizia mais ou menos isto: “Quem se questiona sobre isso [ou seja, vocês, certo? Vocês, que escrevem essas coisas, que gritam, que pedem, que desejam uma resposta] faz a si mesmo perguntas idiotas, inúteis. São perguntas de adolescentes que ainda vivem nas nuvens. O homem, quando se torna adulto, começa a pensar em coisas sérias”.

É isso, a anestesia toma essa forma. Experimentem só dizer ao seu amigo: “Ora essa, quem é que

se importa com o fato de seu pai e sua mãe brigarem? Quem é que se importa, se você fuma, bebe e não está contente? Quem é que se importa...” Como é que pode? E há entre vocês outra forma ainda mais fácil de viver como se estivessem anestesiados. Qual é? Fazer outra coisa. De um jeito ou de outro, tenho de fazer alguma coisa, para silenciar esta dádiva, este dom misterioso que Deus me deu desde a minha origem: o meu grito.

Vejam como somos estúpidos. Porque a única coisa que não podemos fazer, e que não queremos fazer, é combater o humano. Mas, se o humano é esse grito, que significa “combater o humano”? É justamente isto: tentar calá-lo! Pois a verdadeira questão é: essa falta é sinal de quê? Podemos usar o termo “falta” para definir tudo o que vocês escreveram, todo esse grito e essa pergunta; mas, afinal, o que é que me falta?

Há um mês, numa visita à penitenciária de Chiavari, um preso me disse: “Quando eu estava lá fora, eu tinha tudo: dinheiro, carros, poder... Tudo! E eu procurava ter tudo por quê? Porque tentava responder a uma questão: eu queria a felicidade. Mas, Eugenio, quanto mais eu tinha tudo, mais me faltava essa felicidade”. E depois acrescentou: “Hoje eu estou aqui, preso. Não tenho mais nada: não tenho poder, não tenho dinheiro... Tudo me falta. Mas o problema continua exatamente o mesmo. Eu tinha tudo e não era feliz; hoje não tenho nada e não sou feliz. Afinal, essa felicidade existe ou não existe?”

Dá para entender? É claro que alguém poderia dizer: de qualquer forma, é melhor ter as coisas do que não tê-las. Concordo, é claro. Mas essa felicidade – ou melhor, essa falta, esse grito – é sinal de quê? O que é que essa falta nos ajuda a compreender? Pensem na experiência normal, vamos: por que a gente sente frio? Ainda bem que a gente sente frio. Por quê? Porque, assim, a gente se cobre! Por que a gente sente fome? Porque, assim, a gente come. Vocês já não tiveram aqueles dias de gripe ou de febre? Você não se sente bem, não tem vontade de comer, não é verdade? Essa é a questão: se você não tem vontade de comer, comer vira realmente uma chatice. Você não tem vontade! Tentem imaginar uma vida sem “vontade”, que é o termo mais simples, talvez mais estúpido, para substituir uma palavra que nós usamos muito mais: “desejo”, “pergunta”. Sem vontade! Uma vida sem vontade é uma vida incrivelmente pesada. Mas o que é que nós fazemos? Engolimos isso. Porque há quem nos ensine que o máximo da vida é viver sem vontade, sem desejo.

Uma vez fiz uma experiência muito bonita: um adulto aqui de Rímíni, pai de um aluno, me contou como era a pesca do atum. Essa pessoa costuma pescar atum, não com rede, com vara de pescar. Bem, aquilo me apaixonou tanto, que eu disse a ele: “Da próxima vez, me leve com você, eu quero ir também!” E lá fui eu duas vezes à Sardenha, pescar atum. Não pescamos nada. E o interessante é que estávamos num barco daquele tipo em que dá para ver o fundo; daqueles que têm radar. Você vê que o atum está lá embaixo. O peixe está ali. Mas não morde a isca. Ele está ali, bem debaixo do barco! E você diz: “Vamos lá! Vamos lá!...” E fica ali, vendo a vara de pescar se mexendo: tic, tic, tic, tic... “Vamos lá!” Uma hora. Duas horas. Três horas. Três dias. Eu garanto a vocês que passa até a vontade de pescar atum! Mas você não sai dali, três dias inteiros, esperando que esse bendito atum morda a isca. Até que uma hora os meus amigos me explicaram: “Eugenio, a gente pega o peixe pela fome. Se ele não estiver com fome, não morde a isca. Você pode ficar aqui o dia todo, pode vir com todos os navios do mundo: ele não morde a isca”.

Foi uma daquelas coisas que ficam gravadas na sua cabeça. Pois eu disse a mim mesmo: conosco, é a mesma coisa. Toda essa falta, toda essa necessidade, todo esse desejo... Ponham aí tudo o que nós somos, essa humanidade que grita. Por que é que essa humanidade me foi dada desse jeito? Para que eu possa gritar e pedir. Para que eu morda a isca! Deus quer me pegar. Jesus quer me pegar, entendem? Mas, se eu não tenho fome – ou seja, se não sou um homem, se não sou verdadeiro, se não sou leal –, não morde a isca. Não me deixa pegar.

Tenho aqui uma outra carta, muito bonita, que a princípio me fez dar risada, e depois me comoveu de verdade. “Caro padre Eugenio, eu não quero ir ao Tríduo. Não quero ir, porque sei que com certeza ir e ouvir as coisas que vocês vão dizer, percorrer a via-sacra, estar no meio daquele silêncio vai me fazer ficar frente a frente com aquilo que eu quero de verdade: portanto, não vou”. Grande! O nome desta aqui eu digo: Agnese. Afinal, muitas de vocês se chamam Agnese... “Portanto, não vou. Faz algum tempo que estou fazendo uma oposição terrível a Cristo. O motivo

disso é que estou terrivelmente insatisfeita, ou melhor, já não conseguia ficar contente, fazendo coisas que antes me deixavam feliz. Minha pergunta é: nessa grande dor que eu tenho, causada por essa oposição enorme que estou fazendo a Cristo e que agora não consigo derrubar, como é que eu posso me deixar tomar outra vez por Cristo? Como é que eu consigo deixá-lo entrar de novo na minha vida? E o que devo fazer, depois, para que essa relação com Ele não dure apenas aquelas duas ou três semanas de graça, mas seja uma constante na minha vida? Eu não quero ir ao Tríduo, porque essa ferida ficaria ainda maior. Mas vou. Porque não consigo eliminar essa ferida de jeito nenhum”.

Comecei a rir, comovido; e depois a chorar, comovido. Dá para entender o que significa sermos leais, sérios, com essa pergunta? “Eu entendo muito bem do que é que eu preciso: desse coração que grita, desse coração que pede. Mas já não quero estar num lugar que de alguma forma me leve a sério, ou melhor, que abra essa ferida em mim. Portanto, não vou! Mas não consigo fechar essa ferida, é impossível viver assim...”

Poderíamos parar por aqui. Mas seria pouco, ou seria apenas dramático. Ao passo que o motivo pelo qual estamos aqui nestes três dias é que a natureza de uma necessidade ou a natureza de uma pergunta – o *porquê* de existir uma necessidade ou uma pergunta – é que essa necessidade ou pergunta seja satisfeita. Que essa necessidade seja satisfeita! Tentemos levar tudo isso a sério, não transformar essa pergunta em algo intelectual. Não é um pensamento, entendem? Não é uma ideia: é a vida, como vocês a relataram. Olhemos para a experiência. Sabem aquelas vezes em que você está com vontade de comer alguma coisa, mas a vontade não é assim tão grande, e você abre aquela bendita geladeira lotada? Começa a olhar de cima a baixo. Está bem cheia, hein? E começa: “Humm...” E continua: “Humm...” Nada lhe apetece. Isso já aconteceu a vocês, não é verdade? Bem: pensem como é diferente a satisfação que você sente quando faz um passeio com a comunidade e lhe dão aquela sacola com lanche que às vezes dá pena. Você chega ao topo da montanha... e come aquele sanduíche como se fosse um banquete. Ou, se quiserem falar da experiência normal que todos nós fazemos, imaginem quando você volta do passeio e encontra o primeiro bar na estrada, entra e toma um gole? Eu peço sempre cerveja e batatas fritas. Que fome! Dá para imaginar uma satisfação como essa?

Já contei muitas vezes uma coisa que me aconteceu no Cazaquistão. Vivi ali de 1995 a 2005; foram dez anos em missão. E os primeiros anos eram duros de verdade, porque ali não havia nada. As pessoas morriam de fome. Bem, depois de dois anos, um dia eu estava por acaso num supermercado e eis que vejo uma peça de presunto. Sabem aqueles quartos de presunto que se vendem no supermercado? Olhei bem para ele: era um presunto de Parma legítimo! E olha que eu adoro presunto... Mas peguei a peça, virei do outro lado: cento e vinte dólares. Cento e vinte dólares! Sabe como é, você está em missão, não pode gastar dinheiro, fica com uma... “Não!” Deixei o presunto onde estava e dei outra volta com o carrinho no supermercado. Mas, depois de quinze minutos, lá estava eu de novo na frente do presunto. Isso já deve ter acontecido a vocês muitas vezes, não é verdade? E eu disse comigo, mesmo lembrando muito bem: “Quanto é que custa? Ah, cento e vinte dólares... Não!” E continuei as compras. Enfim, passei quatro vezes na frente do presunto. Na quarta, disse: “Ora essa...” E levei o presunto! Vocês imaginam a satisfação? Mas eu estava com aquela vontade porque fazia dois anos que não comia presunto: se tivesse comido presunto todo santo dia, aquilo não me importaria nadinha.

Está claro, não é? Mas podemos dar um monte de exemplos como esse, extremamente banais, simples... Atirar-se na cama depois de um jogo de futebol, de roupa e tudo, finalmente. Sem que sua mãe lhe diga nada; assim, do jeito que você chega. Bum! E que soneca! É uma coisa que dá satisfação, é não é? Ou conseguir tomar uma bela ducha, quando você está com aquela vontade e não vê a hora...

Enfim, quanto mais uma coisa lhe falta, maior é a satisfação. É uma satisfação grandíssima. Enorme. Mas, se não me fizessem falta o presunto, a cama, a ducha, o sanduíche, a bebida... eu nem me importaria com nada disso. Que raio de satisfação haveria na vida de alguém que não espera nada, e que portanto não pode sentir o gostinho de nada, nem ser preenchido por nada?

Pensem no Paraíso. De vez em quando, a gente pensa no Paraíso, no que será esse bendito

Paraíso. Às vezes, a gente pensa: tudo acaba. Nada de desejos, nada de satisfação... Mas será que queremos passar a eternidade sem desejos e satisfações? Uma eternidade assim eu não quero. A eternidade desse jeito, vocês se dão conta? Mas tentem imaginar, não a eternidade, mas um dia em que a cada segundo o desejo esteja no máximo. Uma grande sede, por exemplo. Tenho uma sede, uma sede, uma sede... A cada segundo, dá para entender? Pois é, o Paraíso é assim: essa necessidade que aperta o seu coração, mas satisfeita a cada segundo! Dá para entender? Não será só satisfação, porque, para que alguém seja satisfeito, precisa ter uma necessidade. É uma coisa extraordinária, se vocês pensarem bem: uma pergunta, um grito, uma necessidade, uma falta satisfeita a cada instante! Nada de “como é que eu posso viver desse jeito?”, “ai, que dor que eu sinto...” Vocês começam a perceber, a intuir, que essa é a forma normal da nossa existência?

4. “Mestre, onde moras?”

Há dois mil anos, era a mesma coisa, sabem? É claro que em situações diferentes. Com formas diferentes: casas diferentes, circunstâncias diferentes... Mas a questão era a mesma, sem tirar nem pôr. “Jesus, minha filha está doente: ordene que fique curada!” “Jesus, diga ao meu irmão que faça a coisa certa e divida a herança de um modo justo, porque ele está roubando o meu dinheiro.” “Jesus, faça-me enxergar!” “Jesus, como posso ter a vida eterna?” Que, traduzido, significa: “Como é possível vivermos realmente felizes?” Há dois mil anos, eram as mesmas perguntas, idênticas; faltavam exatamente as mesmas coisas. Era o mesmo coração. Vocês estão entendendo? O mesmo grito, a mesma dramaticidade, a mesma dor.

E o que aconteceu? Aconteceu que, pela primeira vez na história, houve um homem que caminhava no meio dos outros homens, que vivia, falava, comia, mas que tinha alguma coisa... Um homem que tinha um olhar como ninguém jamais teve. Não dava para entender bem por que, mas o jeito como aquele homem olhava, como tratava as pessoas, como *me* chamou naquele dia... Um homem, na história, que caminha no meio dos outros homens; mas que, para alguns, começa a se tornar uma percepção, uma possibilidade, uma intuição de bem. De resposta. Algo que de certa forma *preenche* aquela pergunta de sentido, de gosto. Algo que preenche aquela falta. Alguém começa a experimentar que aquele homem responde a essa falta, que preenche essa falta.

Começa de um modo extremamente simples, sabem? Uma aventura. Aquela aventura humana. “No dia seguinte, João estava de novo com dois de seus discípulos e, vendo Jesus passar, disse: ‘Eis o Cordeiro de Deus!’ Ouvindo essas palavras, os dois discípulos seguiram Jesus. Voltando-se para eles e vendo que o estavam seguindo, Jesus perguntou: ‘O que estais procurando?’ Eles disseram: ‘Rabi (que quer dizer: Mestre), onde moras?’ Jesus respondeu: ‘Vinde ver’. Foram pois ver onde ele morava e, nesse dia, permaneceram com ele. Era por volta das quatro da tarde” (Jo 1,35-39). Mas o que será que viram naquele dia? O que será que viram, para João, ao escrever esse texto, já velho, ter-se lembrado de quando, juvenzinho, encontrou aquele homem? E ele se lembra de tudo, até da hora: eram quatro da tarde! O que foi que viram, afinal? E o que foi que nós vimos, para estarmos aqui hoje?

É preciso que sejamos leais, apaixonados, sérios, grandes com a nossa humanidade. Essa é a nossa grandeza. E, todas as vezes que você tenta reduzir esse grito e essa pergunta, eles recomeçam a mil, a cem mil por hora. Porque basta um nada: basta um fato, um acontecimento. Algo que não anda bem, ou um dia em que dá tudo certo; basta apenas que sejamos sérios e leais, para que essa pergunta reapareça como um foguete. Que graça! Que sorte! Que presente Deus nos deu, fazendo-nos deste jeito.

5. “Quem comer deste pão viverá para sempre”

Num outro dia, diz o Evangelho, estavam ali quase cinco mil pessoas (cf. Jo 6,1-69). Não sei quantos somos nós aqui: sete mil, se não me engano. Portanto, era uma coisa como esta, mais ou

menos... Eles o estavam seguindo fazia dias, esquecendo até de comer. Esquecendo de tudo. Mas como é possível que cinco mil pessoas se esqueçam de tudo? Para estar ali, diante daquele homem. Ouvindo-o falar, de si mesmo, da vida. Seriam cinco mil loucos, se não fosse por esta percepção: “De alguma forma, precisamos estar aqui!” Não sabiam ainda bem o que, como, onde aconteceria. “Mas intuo que a resposta está aqui dentro. De alguma forma, aqui, está a resposta ao que a minha vida deseja, ao que a minha vida quer.” Cinco mil! Estavam ali esperando, com uma ternura incrível. O peixe é pego pela fome. Deus nos deu a fome d’Ele. Imprimiu em nosso coração, em nossa vida, a fome d’Ele. Estavam ali, na expectativa, cheios de perguntas, como a esperar que algo acontecesse.

De fato, naquele dia aconteceu. Tendo piedade por aquela multidão que O estava buscando, leal com a pergunta do seu coração, Jesus teve por eles uma ternura impressionante, e mandou que todos se sentassem. “Mas o que eles têm para comer? O que lhes podemos dar de comer? Não temos nada.” Estavam longe da cidade. E ele realiza aquele milagre extraordinário da multiplicação dos pães. As pessoas se dão conta. “Estávamos aqui por esta percepção de um bem, estávamos aqui por esta intuição de um bem para a nossa vida. E estávamos certos! Não era apenas uma intuição: este sujeito pode-nos dar de comer de graça pelo resto da vida!” Vocês sabem o que significa comer de graça pelo resto da vida? Você já não precisa trabalhar, não precisa esforçar-se... “Encontramos aquilo que pode preencher, satisfazer.” E Jesus olha para eles, com aquela mesma ternura, e lhes faz uma pergunta: “Amigos, hoje eu lhes dei pão. Vocês comeram de graça. Mas vocês sabem que eu tenho um pão que, se o comerem uma vez, nunca mais precisarão comer na vida?”

O que diz toda aquela gente? “Esse pão existe mesmo? Existe mesmo um pão como esse, que, se você o comer uma vez, não terá mais fome? Não precisará mais comer? Ora, então nos dê desse pão!” Em outras palavras: “Existe alguma coisa que preenche a vida para sempre? Ora, então nos dê isso!” E Jesus, com aquela mesma ternura impressionante, diz: “Sim. Eu vim para lhes dar desse pão. Vim para preencher para sempre o seu coração. Para responder a essa exigência de felicidade. Eu lhes dou a minha carne, eu lhes dou o meu sangue”. Ou seja: dou a vocês a relação comigo. Eu mesmo me dou a vocês.

Eram cinco mil pessoas. E ele acaba ali sozinho, com seus primeiros amigos. Como se estivesse aqui, neste momento, e todos vocês fossem embora dizendo: “Esse cara é maluco, perdeu a cabeça! Quer nos dar a Si mesmo para que o comamos!” Onde é que está o pecado? Eles não entendiam, até aí tudo bem. O próprio Pedro, depois de alguns minutos, responderá: “Jesus, nós também não entendemos o que você disse...” Portanto, não é esse o problema. Onde é que está, então, o grande drama, o grande pecado? É que eles não foram leais com a sua humanidade. Com o motivo pelo qual tinham deixado sua casa, seus irmãos, seus amigos; com o motivo pelo qual tinham-se dirigido àquele homem. Só doze continuam leais. E Jesus, erguendo a cabeça, encarando aqueles doze, não tem medo de desafiar-los; Ele não estava minimamente interessado no sucesso, como expressaria o resto da sua vida. Ele os encara. Eram poucos os que tinham ficado: “Vós também quereis ir embora?” “Mestre, longe de ti, para onde iremos?”

É isto, é assim que se anuncia a beleza destes dias. Com essa ternura. Uma ternura não ainda entendida, não ainda experimentada até o fundo, mas absoluta: Deus, Jesus, olha para você, para o profundo do seu coração, conhece o desejo do seu coração, conhece a dramaticidade da sua vida, conhece o grito, o pedido de um bem... e lhe diz: “Eugenio, foi para isto que eu vim. Não tenha medo. Foi para isto que eu vim, Eugenio [e aqui cada um de vocês põe o seu nome]”.

Assim, com tremor, mas também com ternura – a mesma ternura que Jesus tem conosco –, nós queremos encarar-Lo. Já não temos medo do nosso grito, do nosso mal, do nosso limite, da incompreensão. Queremos encarar Alguém que nos diz: “Eugenio, foi para isto que eu vim! Eu! Isto lhe interessa? Eugenio, isto lhe interessa?”

Que nestes dias sejam a nossa liberdade e a nossa amizade justamente aquilo que nos sustenta. E que sejamos sustentados por estarmos juntos, tantos de nós, com a finalidade de encarar esta pergunta pessoal, extremamente pessoal que Jesus faz a cada um de nós, de modo bem direto: “Eugenio, a sua vida, a sua pergunta lhe interessa? Você quer ficar comigo?” Que este seja o modo próprio de continuar a viver estes três dias que passaremos juntos.

Segunda meditação

Sexta-feira, 2 de abril, manhã

Eugenio Nembrini. Pensem naquela menina de 15 anos, pega de surpresa enquanto trabalhava, passava a roupa, preparava a comida... Nós não devemos imaginar Nossa Senhora ajoelhada, à espera de sei lá o quê: devemos imaginá-la como uma garota viva, humana, como a descrevemos ontem. Uma garota que se torna objeto de toda a ternura do Mistério. Porque, como veremos hoje, a ternura do Mistério se chama Jesus. Pensem nela. Ela não deve ter entendido tudo o que aconteceu naquele dia, naquele instante. Mas toda a sua vida, toda a sua vida dali para a frente, será definida pelo silêncio, pela curiosidade por ver como a fidelidade de Deus – nela e no mundo – se transformaria num abraço. Peçamos o mesmo coração, a mesma curiosidade, a mesma disponibilidade.

Ângelus

Cantos: *I wonder, Noi non sappiamo chi era*

Deus responde

Na página 124 do *Livro das Horas*, vocês encontram o Salmo 142 – vou lê-lo, em nome de todos. Os salmos são uma oração antiquíssima, na verdade cento e cinquenta orações que se parecem muito com as cartas que eu li ontem, com as cartas de vocês, pois são a consciência do povo de Israel, o grito do povo de Israel, o pedido e a humanidade daquele povo.

Enfim, eram o grito de um homem verdadeiro, que espera, que pede. E era a oração que todos os judeus rezavam três vezes ao dia. Milhões de pessoas rezavam e rezam com estas palavras: “Respondei-me, ó vós, Deus fiel,/ escutai-me por vossa justiça!/ Não chameis vosso servo a juízo,/ pois diante da vossa presença/ não é justo nenhum dos viventes./ O inimigo persegue a minha alma,/ ele esmaga no chão minha vida/ e me faz habitante das trevas,/ como aqueles que há muito morreram./ O alento em mim já se extingue,/ o coração se comprime em meu peito!/ Eu me lembro dos dias de outrora/ e repasso as vossas ações,/ recordando os vossos prodígios./ Para vós minhas mãos eu estendo,/ minha alma tem sede de vós,/ como terra sedenta e sem água./ Escutai-me depressa, Senhor,/ o espírito em mim desfalece!/ Não escondais vossa face de mim!/ Se o fizerdes já posso contar-me/ entre aqueles que descem à cova!/ Fazei-me cedo sentir vosso amor,/ porque em vós coloquei a esperança!/ Indicai-me o caminho a seguir,/ pois a vós eu elevo a minha alma!/ Vossa vontade ensinai-me a cumprir,/ porque sois o meu Deus e Senhor!/ Vosso Espírito bom me dirija/ e me guie por terra bem plana!/ Por vosso nome e por vosso amor/ conservai, renovai minha vida!/ Pela vossa justiça e clemência,/ arrancai a minha alma da angústia!”

É um desses salmos, mas não somos nós mesmos? Vocês não se sentem, nós não nos sentimos descritos nessa humanidade que espera? Esta manhã, nós também desejamos levar daqui apenas uma coisa. Não muitas; um monte de coisas não serve para nada. E a coisa que queremos levar daqui hoje é que, a esse grito, a esse homem – a mim, do jeito que eu sou, a esse grito do meu coração –, Deus responde. Ele não me deixou apenas o grito, não me deixou apenas – como vimos ontem – esse presente extraordinário que é a minha humanidade que pede. A essa humanidade, Deus responde. De uma forma que ninguém nem poderia sequer imaginar. Já havia respondido de mil formas, desde o início do mundo, ao criar todas as coisas, para que tudo fosse sinal da Sua presença. Mas, depois, fez ainda mais: veio viver entre nós. Como é que Deus responde? Tornando-se um de nós, alguém no meio de nós, um homem como nós!

Qual é a maior ternura que experimentamos na vida de todos os dias? Quando é que alguém se sente realmente objeto da predileção? Quando é que alguém se sente amado? Quando uma outra pessoa – um amigo seu, seu pai, sua mãe, um professor – se torna companheira da sua vida, da sua pergunta. Afinal, qual é, no fundo, a maior coisa que eu espero? O que é que eu espero a vida inteira? Que aconteça.

“Da imagem tensa/ vigio o instante/ com iminência de espera –/ e não espero ninguém:/ na sombra viva/ espio a campainha/ que expande imperceptível/ um pólen de som –/ e não espero ninguém:/ entre quatro paredes/ estupendas de espaço/ mais que um deserto/ não espero ninguém:/ mas deve vir,/ virá, se resisto,/ a desabrochar sem ser visto,/ virá de repente,/ quando menos o esperar:/ virá quase como o perdão/ daquilo que faz morrer,/ virá a me fazer certo/ do seu e do meu tesouro,/ virá como o alívio/ das minhas e das suas penas,/ virá, talvez já esteja vindo/ o seu murmúrio” (Clemente Rebora, “*Dall’immagine tesa*”).

“Virá.” Quando um homem se levanta de manhã, quando trabalha, quando se apaixona, quando um homem vive – ainda que nem sempre seja capaz de dizê-lo com estas palavras –, a única coisa que deseja, no fundo, é que venha. “Virá”: veio, há dois mil anos, para um mundo – como dissemos ontem – que não era diferente do nosso. Um homem começa a percorrer as ruas daquela cidade – que não era a mais forte, a maior das cidades: se quisesse isso, certamente teria escolhido Roma. Um homem que olha para as coisas, que olha para as pessoas, que trata as coisas e as pessoas com essa verdade, com essa profundidade, com essa paixão, com esse abraço, com essa ternura que todos os homens do mundo inteiro estavam e estão esperando.

1. “Mulher, não chores”

Escolhi duas passagens extremamente simples, que vocês conhecem, para documentar essa ternura: “Em seguida, Jesus dirigiu-se a uma cidade chamada Naim. Com ele iam seus discípulos e uma grande multidão. Quando chegou à porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único; e sua mãe era viúva. Grande multidão da cidade a acompanhava. Ao vê-la, o Senhor sentiu compaixão para com ela e lhe disse: ‘Não chores!’ Aproximou-se, tocou o caixão, e os que o carregavam pararam. Então, Jesus disse: ‘Jovem, eu te ordeno, levanta-te!’ O que estava morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe. Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus, dizendo: ‘Um grande profeta apareceu entre nós e Deus veio visitar o seu povo’” (Lc 7,11-16).

Um funeral, uma mãe – viúva – que está levando ao cemitério seu único filho. Qualquer um de nós pode perceber o drama, a dor, a tristeza, talvez até a raiva de muitas daquelas pessoas. Imaginem a coragem de Jesus para se aproximar daquela mulher. “Mulher, não chores.” Que comoção Jesus deve ter experimentado naquele instante! Naquela mulher, Ele via, reconhecia, todo o drama humano. Naquela mulher, naquele dia, ele via e reconhecia também o nosso drama. O drama da vida. O drama de cada um de vocês! Ou seja, os problemas, as circunstâncias, as dores que muitas vezes nos parecem tão distantes, que muitas vezes nos parecem sem lógica, sem sentido.

É como se neste instante Jesus, vindo de trás, pusesse a mão no seu ombro e lhe dissesse: “Eugenio, não chores!” Mas não é uma consolação bem-educada, entendem? Não é uma frase bonita, como se a pessoa dissesse: “Podia ter sido pior; o que se há de fazer, a vida continua...” Não é isso, porque Jesus sabia muito bem que na relação com Ele e graças à oferta da Sua vida o homem finalmente poderia encontrar e saborear a ternura do Pai.

Todos temos bem à nossa frente, neste instante, a mão de Jesus, o carinho de Jesus. Ele não diz: “Eu resolvo os seus problemas”. Também não diz: “Vamos lá, que amanhã você vai ver que tudo será bem melhor”. Ele se aproxima de você. E traz toda a Sua ternura – o “carinho do Nazareno”, essa belíssima imagem que começamos a conhecer.

“De madrugada, voltou de novo ao Templo. Todo o povo se reuniu em volta dele [estão vendo mais uma vez essa indicação extremamente simples, que o Evangelho dá o tempo todo? O povo estava reunido em volta dele, percebem? A “gente como a gente” tinha começado a vislumbrar naquele homem o “murmúrio” de que fala a poesia, algo relacionado à pergunta que cada um carregava consigo. E todos iam atrás d’Ele! Todos o procuravam, esperavam, acompanhavam...]. Sentando-se, começou a ensiná-los. Entretanto, os mestres da Lei e os fariseus trouxeram uma mulher surpreendida em adultério. Pondo-a no meio deles, disseram a Jesus: ‘Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. Moisés na Lei mandou apedrejar tais mulheres. Que dizes

tu?’ Perguntavam isso para experimentar Jesus e para terem motivo de o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, começou a escrever com o dedo no chão. Como persistissem em interrogá-lo, Jesus ergueu-se e disse: ‘Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra’. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. E eles, ouvindo o que Jesus falou, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos; e Jesus ficou sozinho, com a mulher que estava lá, no meio, em pé. Então Jesus se levantou e disse: ‘Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?’ Ela respondeu: ‘Ninguém, Senhor’. Então Jesus lhe disse: ‘Eu, também, não te condeno. Podes ir, e de agora em diante não peques mais’” (Jo 8,2-11).

É outro momento de uma ternura e de uma comoção impressionantes. Pois, se temos no nosso coração uma dor, uma pergunta pelo sentido que muitas vezes nos deixa sem fôlego diante dos problemas, há na nossa vida uma experiência ainda mais dramática, que é a experiência do nosso limite, do nosso mal: essa, sim, nos tira o fôlego. Pensem nessa mulher, na maneira como devia estar ali, aos pés de Jesus, cercada por aquela gente que queria matá-la a pedradas, tremendo de medo. “Ninguém te condenou; eu também não te condeno.” Onde é que vocês encontram, onde é que nós encontramos uma ternura como essa, um afeto assim, uma misericórdia, uma caridade assim? Que não o ama apenas porque você está ali, não o ama apenas porque, “no fundo, no fundo, você também me ama” – uma troca de afetos –, mas se comove com você. Comove-se comigo por todo o mal que eu sou, por todo o limite que eu sou. Teve piedade, tem piedade do meu nada. Onde é que nós encontramos, onde é que alguém pode encontrar uma ternura assim?

Seu pai, sua mãe, seus professores, os adultos, o mundo em geral lhe diz “eu amo você”, mas no íntimo espera alguma coisa, por dentro tem uma pretensão. No fundo, no fundo, tem por dentro um “eu amo você *se*”, “eu amo você *quando*”, “eu amo você *no momento em que*”... Onde é que vocês encontram, onde é que uma pessoa pode encontrar Alguém que a ama e “ponto final”? E esse homem começa simplesmente a andar por aí, a viver, a olhar desse jeito para os seus amigos e para as pessoas em geral, para um mundo onde tudo era uma tatuagem, onde tudo era uma marca, entendem? Uma marca indelével: “Você é uma pecadora. A nossa lei a condena à morte, e isso está certo”. Ou: “Mas quem você pensa que é, você, que chegou agora? Você, que é cego de nascença, o que significa que recebeu uma punição de Deus. Não dirigida a você, mas com certeza a seu pai, a sua mãe, a seus avós, a alguém! Como é que você pode saber, conhecer, falar do Mistério? Fique de boca fechada!” É o que dizem ao cego, logo depois de ter sido curado. “São dois pobres coitados, dois pescadores, nem conhecem a Lei, nem conhecem a Bíblia, o que é que eles podem dizer?” Se você era uma pessoa doente, um leproso, nem podia se aproximar dos outros homens. Estava descartado. “Para você não existe nenhuma possibilidade. Não há possibilidade de salvação. Deus já escreveu o seu destino.” Ou pensem nas crianças brincando ao redor de Jesus: “Mande-as irem embora, fora daqui, deste jeito não dá para discutir coisas sérias”. Poderíamos dar centenas de exemplos que falam dessa marca. No entanto, Jesus, naqueles três anos de vida, elimina todas as marcas. Elimina todas as tatuagens. E diz: “Vinde a mim, vós todos, cansados e oprimidos. Venha a mim quem tem fome e sede”.

2. O método: “Acontece e torna a acontecer”

Assim, dá para entender melhor, agora, o que dissemos ontem a respeito dessa humanidade ferida, dessa pergunta aberta, que, quanto maior, mais forte e mais segura é, mais é dramática: a pergunta sobre o sentido, sobre o significado. Quanto mais essa pergunta está presente, mais esse homem – esse grito – é abraçado, amado, buscado por Jesus. “Os sãos não precisam de médico. Eu vim por vocês.”

Aquelas marcas... Vocês entendem o que significa “marcar alguém”? Também sobre isso poderíamos dar bilhões de exemplos. Pensem na escola. Pode ser que você tenha tido a sorte de tirar uma bela nota nos primeiros tempos de escola – porque caiu nas provas aquilo que você sabia, ou você colou – e, depois, durante os cinco anos seguintes: “Você é bom, mas poderia ser mais esforçado...” E esse “poderia ser mais esforçado” o acompanha para sempre. No fundo, essa é uma

marca, é ou não é? “Esse aí... não há o que fazer: ele não tem vontade! Vagabundo!” E você carrega a marca do “vagabundo” pelo resto da vida. E pode ser que esteja ali, com esse drama, com essa pergunta no coração, e ninguém se dá conta. Ninguém. “É um vagabundo. Não tem vontade de estudar.” E quando a gente não consegue culpar, “marcar” um jovem, quem é que “marca”? Os pais. “O que se há de fazer, com pais como os que esse aí tem... Impossível!” Aí a pessoa chama os pais e começa a repreendê-los.

São apenas exemplos bobos da vida escolar. Mas o fato é que Jesus não está nem aí com todas as marcas, com todos os esquemas, com todas as tatuagens. Pelo contrário, Ele diz: “Eugenio, eu também não te condeno. Foi por isto que eu vim”. Ou seja, toma a iniciativa. Todos os dias, comigo, com cada um de vocês, Ele toma a iniciativa. Como? Tornando a acontecer! O que é que faz a única pessoa capaz de atrair o meu coração? Vem. E vem outra vez. Acontece e torna a acontecer. E faz isso para que um belo dia, num instante, num momento, a sua humanidade tão ferida e tão leal possa encontrar essa afeição e esse abraço.

Pensem no que dizia o Papa aos bispos suíços, num discurso fantástico, se não me engano de três anos atrás (cf. *Encontro do Santo Padre com os bispos suíços*, 7 de novembro de 2006). Na prática, o Papa dizia: se a pessoa olha um pouco para a história do mundo, para a história de Deus, o que vê? Parece que Deus é um fracassado. Deus constrói tudo: o mundo, as coisas. Faz tudo bem feito, não é verdade? Depois começa a aventura dessa relação entre Deus e o homem: Adão e Eva. Bem, eles não se saem lá muito bem, logo de cara... Depois, Caim e Abel. A torre de Babel. E por aí afora... E o Papa comenta: parece realmente que Deus, nesse abraço, nessa ternura, fracassa. E acrescenta: percebam que cada “não” do homem obriga Deus a inventar um outro caminho para que o homem lhe possa dizer “sim”. E qual é o nome disso? Ternura. Uma ternura infinita. Cada “não”, cada recusa – não “do homem” em geral: a minha recusa, a sua – obriga Deus a inventar um caminho para que eu possa dizer-lhe “sim”. Com uma ternura assim, queremos mais o quê? Quem dera entre nós houvesse nem que fosse o vislumbre de uma possibilidade de bem e de relação que chegasse a esse ponto. Pois é: cada “não” do homem se transforma numa outra coisa. Até que, no fim... “Que caminho vou inventar agora para que esse homem me possa dizer sim? Vou inventar um companheiro de viagem para ele. Vou me tornar alguém como ele. Um homem, para que ele me possa ver, tocar, olhar, ouvir, abraçar.” Um homem.

3. A experiência da correspondência

Mas, se lermos bem o Evangelho, veremos que não é tão simples assim. Jesus faz milagres – e um monte! Ontem citamos aquele momento dramático: cinco mil pessoas ali a ouvi-lo, cinco mil pessoas que vão embora. Mas acontece a mesma coisa em outras circunstâncias: Jesus realiza gestos extraordinários, coisa de deixar você de boca aberta. Ou, no mínimo, de gerar em você uma pergunta: “Quem é ele, afinal? Como é que faz essas coisas?” Mas não é isso o que acontece. O Evangelho comenta: “Saíram para decidir como matá-lo”. Ele realiza um gesto como esse e há sempre alguém que vai para um canto discutir como eliminá-lo. Como é possível uma coisa dessas?

Pensem só um instante. Você tem ali a ternura de Deus feita carne, feita homem, feita companhia – Jesus, que está ali bem à sua frente, que caminha com você, fala com você, come com você –, e você não a reconhece. O que é que falta? Quem é que falta? Falta Jesus? Mas se ele está bem ali à frente, com eles, realizando esses gestos! E, sobretudo: se está ali arrebatando o coração deles! Procurem, neste momento, imaginar os amigos d’Ele: Pedro, João, André, Filipe, Tomé. Imaginem o jeito como estão diante desse homem. No entanto, havia outros que diziam: “Mas quem ele pensa que é? Nós sabemos tudo a seu respeito: sabemos onde mora, sabemos quem é seu pai, quem é sua mãe, conhecemos seus parentes... Quem ele pensa que é? Além do mais, o que você quer que venha de bom daquela cidadezinha dele? O que é que pode vir de bom desse lugarzinho, dessa pessoa, dessa circunstância?”

Mas o que é que acontece? Por que isso acontece? Afinal, você o tem bem ali à sua frente, e não o vê. O que é que falta? O que falta é você. Você é que não está ali, leal com aquele grito de que

falamos ontem. Mas aquele grito existe. Existe! Recebeu um contragolpe, viveu uma experiência, passou pela única experiência que lhe permite dizer: “Ora bolas! O que é que há aqui?” Isso se chama correspondência. É um termo que temos usado muito, “correspondência”. Não “algo que me agrada” – coisas que me agradam existem muitas: quanto mais uma pessoa ama a vida, mais a realidade lhe agrada. Não: “Correspondência”. Algo, um acontecimento, um fato, que responde, que *corresponde* àquele grito que lemos no salmo hoje, ou nas cartas de ontem. Corresponde. Ou seja, abraça. Abraça ternamente aquela “falta de fôlego”, aquele grito, aquele desejo de significado, de um modo que você não encontraria em nenhum outro lugar, que não encontra em lugar nenhum.

É na experiência da correspondência entre esse coração e o acontecimento de Cristo presente que começa a aventura, o cristianismo. Melhor dizendo: não “o cristianismo”, pois o cristianismo começou há dois mil anos. Começa a *fé*, ou seja, o cristianismo *para você*. Aquilo que o leva a dizer: “Eu O vislumbrei”. Que o leva a reconhecer sinais inconfundíveis da Sua presença, vestígios inconfundíveis da Sua presença. Pois, do contrário, não entenderíamos como pode ser que um povo inteiro, que espera o Messias por 1.800 anos (“Messias” significa “aquele que é capaz de responder a este coração, a esta pergunta”), quando esse Messias chega, não O reconhece. Há algo estranho nisso, é ou não é? É que, se falta você, se quem não está aí é você, que tem fome, que tem fome d’Ele, não há como você chegar a perceber, a saborear essa correspondência infinita.

4. “Pedro, tu me amas?”

Mas vocês sabem por que isso acontece? Porque, no meio, existe uma coisa que tem um nome preciso. Essa coisa se chama “liberdade”. Deus não gosta de escravos. Não gosta de marionetes. Deus quer um homem livre, relacionamentos livres. Acontece e torna a acontecer. Acontece e torna a acontecer! E todos os dias inventa caminhos, formas, para que você lhe diga “sim”. Mas para que *você* diga “sim” à experiência que *você* faz! Dá para entender? “Sim” à experiência de bem que você intuiu.

Deus nunca o obrigará a dizer esse “sim”. Por quê? Não porque é mau. Mas pensem: o que existe de maior, de mais fascinante – e de mais gostoso, e real – que alguém que diz “eu te amo” e outro que responde “eu também”?

Poucos dias depois de ter sido traído por Pedro – vocês se lembram da passagem? –, o que Jesus lhe diz? “Pedro, tu me amas?” Não lhe disse: “Pedro, justo você... Eu o fiz chefe da minha Igreja, apostei tudo em você e justo você vem e me faz isso, me trai de um jeito tão brutal e nojento...” Não, não: “Pedro, tu me amas?”

Ponham todos os seus pecados sobre a mesa. Se puderem, ponham-nos todos sobre a mesa. No caderno. Ponham os pecados que cometeram, os que não cometeram, os pensados, os que gostariam de fazer... A lista é enorme. Cadernos cheios! Eu, pelo menos, tenho cadernos cheios. Vocês são jovens, mas os mais velhos... “E, começando pelos mais velhos, foram todos embora.” Lembrem-se de quando Jesus diz “quem não tem pecado, que atire a primeira pedra”? Bem, vocês sabem o que Jesus faz com esse caderno cheio de tudo o que fizemos? Ele o queima. Nada disso lhe importa! E lhe diz: “Você – você! – me ama, sim ou não?”

Se é assim, do que é que você precisa? De uma ternura por você. Afinal, qual é o primeiro grande presente, a maior das correspondências, aquela que o ajuda a perceber que o Mistério está acontecendo ali, que Jesus está vivo ali, qual é o primeiro sinal? É o fato de voltar a haver uma ternura por você mesmo. “Ama o teu próximo como a ti mesmo”: se a pessoa não tem um afeto assim por ela mesma – por ela mesma! –, é impossível que ame a tudo. Mas como é possível termos uma ternura por nós mesmos? Não é uma ternura daquele tipo que faz a pessoa dizer “eu sei tudo, eu consigo tudo, eu faço e aconteço...” Não. Podem guardar isso para vocês. A ternura por mim mesmo significa que eu não sou definido por nada, a não ser pelo fato de que existo. E, se existo, isso significa que sou querido. Fui querido e *sou* querido neste instante; sou amado e abraçado *agora*. Mas, para que eu me sinta assim, é preciso que alguém me olhe assim. Isso se chama cristianismo. O fato de Alguém ter-me olhado e me olhar assim se chama cristianismo.

No início, eu li para vocês a passagem daquela viúva que levava seu filho ao cemitério. Mas aquilo aconteceu só naquela época? Ouçam esta carta: “Em agosto, minha mãe morreu de câncer. Desde aquele momento, começou a acontecer um milagre. Eu estava em Siusi, nas férias dos colegiais. Na sexta-feira à noite, meu pai me ligou e disse que eu e minha irmã tínhamos de voltar para casa, pois o estado de saúde da minha mãe estava piorando. Naquela noite, só consegui falar rapidamente com ela, e ela não pôde dizer nada além de um ‘oi’, ou algo parecido. Quando desliguei o telefone, a única coisa que pude fazer foi procurar dois amigos e lhes dizer: não vou conseguir aguentar tudo isso sozinha. Eu já havia pensado muitas vezes no que diria e faria, em como reagiria quando acontecesse. Mas jamais teria passado pela minha cabeça, nem de longe, que pudesse reagir assim: cheia de letícia, contente, apesar de tudo. E minha mãe realmente foi a primeira testemunha do que é a letícia: sempre sorridente, sempre pronta para tudo, serena ao enfrentar a doença”.

Que diferença existe entre aquela mulher de dois mil anos atrás, que sentiu em seu ombro a mão de um desconhecido (“mulher, não chores”) e esta nossa amiga, que pode falar desse jeito da morte de sua mãe? Ouçam o que nos conta esta outra carta: “Como muitos de vocês sabem, meu pai morreu na semana passada...” Por que escolhi cartas que falam da morte do pai ou da mãe? Justamente para que vocês vejam, numa das situações mais dramáticas, que é a mesma coisa. Acontece hoje o mesmo que acontecia naquela época! “De repente, numa manhã, Deus levou-o consigo. Quando voltei para casa da escola, meu irmão me disse o que havia acontecido e logo me levou para a sacada, de onde dá para ver bem a Basílica de São Lucas, e lá começamos a rezar. Sou obrigada a confessar que não rezava com muita frequência, porque não tinha certeza de que servisse para alguma coisa, de que Deus me ouviria. Mas naquele momento me disseram que confiasse em Deus, que pedisse ajuda a Ele, já que nenhum outro, a não ser Deus, poderia preencher aquela dor que eu sentia. Aquilo me parecia absurdo: Deus tira meu pai, assim de repente, e eu ainda tinha de rezar a Ele, de Lhe pedir ajuda e até de dizer, com o pai-nosso, ‘seja feita a Vossa vontade’? Mas foi o que eu fiz. E Deus me ouviu. E mudou também meu irmão e minha mãe: a relação entre nós se aprofundou. Hoje temos uma disponibilidade e um gosto que nunca tínhamos visto antes. A vontade de Deus é um mistério para mim. Mas, depois do que aconteceu, eu sou imensamente grata a Ele”.

Será que essa também é louca? E olhem que não são duas, três, cinco, vinte... São centenas as cartas de vocês que – além de trazer aquela pergunta extraordinária de que falamos ontem – contam que Jesus respondeu. Jesus respondeu àquela pergunta.

5. A vida verdadeira

Agora vou ler uma carta que não é de um de vocês. Já lhes contei que há duas semanas visitei a penitenciária de Pádua. Naquele lugar não há “ladões de galinha”: é uma prisão de segurança máxima, quase todos foram condenados à prisão perpétua. No ano passado, encontrei este albanês pela primeira vez. Um tipo bem durão. Era de certa forma o “cabeça” do ramo da prostituição e das drogas desde a Albânia até o norte da Europa. Procurado em toda a Europa, refugiou-se na Holanda; mas mesmo na Holanda já estavam para prendê-lo. Foi quando ele, seu irmão e um amigo decidiram: “Não. Tudo, menos a prisão”. Encheram a cara de bebida e drogas e jogaram o carro contra um muro, para acabar com tudo. O irmão morreu, o amigo morreu, mas ele, depois de oito meses em coma, se salvou. E se salvou com boas sequelas; chegou a perder uma orelha. Quando o vi pela primeira vez, ele puxou o cabelo e me disse: “Olhe aqui o meu estado”. Eu nem sabia o que lhe dizer... Bem, sábado passado éramos cinquenta pessoas. E todos chorávamos. Por quê? Porque vimos esse rapaz – esse homem – de joelhos. Celebramos a missa juntos, lá na prisão, e esse rapaz, de joelhos, pediu o batismo. Chorando. E tomou o nome de Giovanni. “O que você quer?”, perguntou-lhe o padre. “O Batismo.” “Por quê? O que você espera do Batismo?” “Quero conhecer Jesus.” “E por quê?” “Porque quero viver uma vida verdadeira.” Juro a vocês: estávamos os cinquenta lá chorando. Mas não chorando porque “a comoção acaba pegando você”, entendem? Chorando porque não é possível que um homem como aquele realize *sozinho* um gesto como esse.

Não é possível, para ninguém.

Mas vejam o que escreve um outro amigo, chinês, que poucos meses antes, já em liberdade, depois de sair da mesma penitenciária de Pádua, conseguiu se salvar (ele deveria ter sido deportado imediatamente para a China, mas, como ali corria o risco de ser condenado à morte, não o expulsaram). Ele também começou o caminho para receber o Batismo. Como não pôde entrar na prisão naquele dia, escreveu esta carta ao amigo albanês: “Caros amigos, não me deram permissão para entrar na prisão, como eu tanto gostaria. Por isso, escrevo a vocês, para assim poder participar também da sua alegria. Estou muito contente por saber que Bledar vai começar o caminho para se preparar para se tornar cristão, como eu comecei, em 20 de setembro. É uma coisa boa o que você está fazendo, Bledar, pois reconheço que este caminho que me está preparando para o Batismo foi a melhor escolha que já fiz na vida. Desde o momento que o iniciei, a minha vida encontrou um sentido, e creio que, neste caminho, será cada vez mais cheia de certeza. Desde o momento em que comecei a percorrê-lo, percebi como até o meu caráter vem mudando. Por exemplo, antes eu vivia nervoso e logo explodia quando alguma coisa não dava certo ou me aborrecia, mas hoje me vejo muito calmo e sereno diante das coisas que acontecem, pois na minha mente Jesus me corrige e me mostra como devo viver e para onde devo ir. Tenho gostado muito do Evangelho de Marcos, que escreveu a história de Jesus, e me impressiono com o que Jesus faz e com a maneira como trata as coisas e as pessoas. E assim me vejo copiando o que Jesus fazia quando superava as dificuldades e enfrentava as coisas. Não posso fazer milagres, porque só Ele os faz. Mas vejo que Ele tem feito milagres para mim e para vocês. Agradeço a Deus, que me dá uma segunda vida, pois, pelo que eu fiz, deveria ter sido mandado de volta para a China e lá corria o risco de receber a pena de morte. Mas Jesus me salvou, deixando-me ficar aqui. É muito bonito que você, Bledar, tenha aceito como nome cristão Giovanni, João, enquanto eu escolhi Andrea, André. Você sabia que André e João foram os dois primeiros que encontraram Jesus e o seguiram? Ouvi dizer que o Umberto também está se preparando para receber a Confissão, a Comunhão e a Crisma. Você está um passo à minha frente, Umberto, pois sou só um catecúmeno; mas não se preocupe, porque também vou chegar aonde você está. Deixo um abraço a todos e garanto que estou rezando por vocês, para que possam superar todas as dificuldades e sair da prisão o quanto antes. Tenho certeza de que o Senhor me ouve, pois sou o único chinês que reza”.

Vocês entenderam? Chinês. Mas parecem cartas escritas por São Paulo aos primeiros cristãos. Ele e Bledar, o albanês, estão na prisão. Mas, e nós?

Bem, eu já lhes disse antes: hoje, outra vez, quero que levemos daqui uma coisa só. Esta: que Deus não abandonou você. Deus não o abandona! A partir de hoje, esse olhar bom, essa afeição real, essa ternura contínua, essa comoção por você a cada instante – por você, que pede e grita – já não é um sonho, um desejo. Já não é apenas um “como seria bom se acontecesse”: acontece. Acontece! É a realidade. Não é algo que eu tenho de esperar: “Quem sabe”, “vamos ver”... Porque, se estou aqui, é porque já aconteceu. Senão, eu não estaria aqui. O único problema é este: que você não esqueça.

Hoje à tarde viveremos juntos o gesto dessa ternura, pois Jesus, olhando para nós, homens, encarando-nos, não podia deixar de viver, de compartilhar tudo conosco. Até a morte, da qual já dera sinais de ser senhor ao longo de sua vida. Vocês se lembram? Ele tocou aquele rapazinho que tinha morrido: “Levanta-te!” E ele se levantou... Já tinham visto que Jesus era Senhor da vida e da história. No entanto, Ele também teve de passar pela morte. Dá para entender? Deus, que fez todas as coisas, que fez você, que me fez, chega ao sinal mais extraordinário, mais incrível, de doação e afeição à minha vida, para que eu possa finalmente dizer-lhe “sim”: dar a vida por mim. Morrer na cruz por mim. Para quê? Para que em ninguém – em nenhuma parte do mundo, por nenhum motivo, por nenhuma circunstância – nunca mais vença a dúvida que faz pensar que a vida talvez seja uma enganação. E para que, ao contrário, cresça dia após dia a certeza desse abraço e a experiência de que a vida é realmente um encontro cotidiano, um encontro contínuo entre duas pessoas que se amam: Deus, Jesus, que ama você loucamente; e você, que, começando a reconhecer esse afeto, começa a desejá-Lo loucamente.

São Paulo chama a isso “a loucura da Cruz”. Fiquemos por aqui, hoje, diante disso. O silêncio

será também a forma como viveremos esta via-sacra. Diante de Alguém que está doando a vida por você, que está morrendo por você, para que você possa saborear esse afeto e esse amor, para que possamos abrir os braços, olhá-lo bem dentro dos olhos e lhe dizer: “Eu te amo”. O que podemos fazer de mais simples que isso?

Sábado, 3 de abril, manhã

Testemunho de padre Aldo Trento

Eugenio Nembrini. Depois do anúncio, Maria fica sozinha. E passará a vida inteira verificando aquilo que se realizou naquela manhã. Vejam só: nem Maria pôde escapar dessa liberdade, da responsabilidade de verificar ao longo de toda a sua existência aquela promessa que um anjo lhe fez aos 15 anos. E imaginem o drama que Nossa Senhora teve de viver. Não foi fácil, nem mesmo para ela, ver aquele menino crescer. Um menino, no fundo, igual a todas as crianças do mundo. Quem sabe quantas vezes terá ela perguntado a si mesma: “Quem ele é? O que será dele?” Procurem imaginar Maria, a mãe de Jesus, na Semana Santa. Vê-Lo sofrer, morrer. “Onde é que está a promessa que eu recebi aos 15 anos?” Ela nunca teve essa dúvida. Mas teve de atravessar a dor também, na sua liberdade e na sua adesão ao mistério, para verificar que Deus cumpre a sua promessa. Peçamos: “Maria, acompanha-nos. Torna-nos fortes, grandes, nesta promessa e nesta verificação”.

Ângelus

Cantos: *Al mattino, È bella la strada*

Filmes: trechos de *A Paixão de Cristo* e *A lenda do pianista do mar*

E então, padre Aldo: é assim, como ouvimos nesse filme? “Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo.” Que significa isso, para você?

Padre Aldo Trento

Em primeiro lugar, agradeço de coração. Porque, estes dezoito mil quilômetros que atravessei, eu os atravessei por mim. Justamente porque sou mendicante de Cristo e Cristo é mendicante do meu coração. E vocês, para mim, não são “o sinal de Cristo”: são Cristo. Por isso, eu teria vindo mesmo que fosse por um só de vocês. Quando, no ano passado, me pediram que levasse comigo uma de vocês, porque estava cansada da vida, eu a levei comigo porque olhei para a minha vida. Hoje está lá comigo no Paraguai, e vem recuperando o gosto de viver. Por isso, eu disse a mim mesmo: não me importa o esforço, se a minha pobre palavra puder conseguir dar a um só de vocês o gosto da vida, infundir em um de vocês – não em sete mil: em um – esse gosto. Eu vim até aqui por mim e por um.

Não há alegria mais bonita na vida que uma pessoa poder dizer, como eu digo aos 63 anos, que a vida é bela, que o coração é belo. Eu venho de um país em que as pessoas cantam sempre uma canção de Violeta Parra. Chama-se “Corazón maldito”. E diz: “Coração maldito, por que pulsas?/ Por que bates como um sino/ teimoso como uma mula?” (sabem a mula? Teimosa, insistente...) Mas ela tem uma outra canção, ainda mais famosa, que expressa o panteísmo: “Obrigado à vida, que me deu tanto...” Pois bem: três meses depois dessa canção, ela se suicidava. “Obrigado à vida”, e três meses depois rejeita a vida. Por quê? Porque não podemos agradecer à vida se não encontramos o *significado* da vida, se não encontramos o motivo pelo qual o coração bate. Amigos, eu quero contar a vocês como eu vivo a mesma aventura de Violeta Parra, mas dentro da experiência do que aconteceu nestes dias a vocês e que há muitos anos me acontece a cada momento. Ou seja: gostaria de lhes comunicar a alegria de viver que nasce dentro da dor que eu vivo.

Nunca escondi de ninguém que sofro de depressão há muitos e muitos anos, ou que vivo a minha vida num mar de dor. Quando o Marcos e a Cleuza, meus grandes amigos do Brasil, responsáveis

pelo movimento dos “Sem-Terra”, vão me visitar, muitas vezes as pessoas perguntam a eles por que fazem isso. Porque não há nada de bonito lá comigo, apenas dor: crianças violentadas, prostitutas, doentes de Aids, doentes de câncer, mendigos... Enfim, todos os “refugos humanos”. Não há nada de bonito. De bonito, só há uma coisa: um olhar que vê esses pobrezinhos pelo que eles são, porque também são filhos de Deus. Eu os abraço, e não me importa se estão cobertos de vermes. Três vezes por dia encontro meus moribundos, me ajoelho diante de cada um deles e os beijo. E não importa se não visto o avental ou as luvas, porque penso sempre: “É Cristo! Será que eu deveria pôr luvas para apertar a mão de Cristo, ou usar máscara para beijar Cristo?”

Não faço isso porque sou bom, mas porque tenho a certeza de que sou feito agora, de que sou chamado pelo nome. Vocês entendem o que significa o fato de Deus me estar fazendo agora? Pensem que letícia, que dinamismo, que decisão eu recebo da consciência de que o meu nome foi dito por Deus antes que eu fosse concebido no ventre de minha mãe. Ainda que eu tivesse sido concebido por uma violência, como alguns dos meus meninos, que importa? Que importa a forma da concepção, quando existe algo que vem *antes* disso? Deus pronunciou o meu nome *antes* de me conceber no ventre de minha mãe. Eu não sou o fruto de um erro, mesmo que tivesse nascido mediante um erro, porque eu venho antes.

Deus pronunciou o meu nome. Amigo, não importa onde você nasceu e de quem você nasceu. Você pode ter nascido na rua, como aquele menino que eu peguei e que hoje, quando lhe perguntam “como você se chama?”, responde: “Gabriele Trento”. Foi ele que se deu esse nome. Não sabe de onde vem, não sabe quem é – como Melquisedec –, mas me viu, me encontrou; encontrou um olhar e deu a si mesmo o nome: “Gabriele Trento”.

Que importa a forma como fui concebido, se eu já estava na mente de Deus? O que vale é que esse algo que existia *antes* de eu ser concebido, para mim, hoje, é um fato presente. Por isso, repito constantemente: “Eu sou Tu que me fazes”. Pois eu não sou fruto da concepção biológica, mas daquilo que vem antes. Isso me faz olhar com ironia para todas as asneiras que fiz na vida, e para as que faço hoje, e para as que ainda vou fazer: porque eu sou, agora, fruto daquele nome que Deus pronuncia a cada momento. O meu rosto nasce dessa consciência.

E é uma consciência que se tornou extremamente evidente a certa altura da minha história. Imaginem que eu, durante quinze anos, não conseguia pregar os olhos à noite; tinha cada olheira... E passei quatro anos sozinho, numa missão difícil de explicar. Uma dor agudíssima, que não desejo a ninguém. Mas, para mim, foi a maior graça, porque ali, rolando no chão e gritando “Deus, se existes, mostra o teu rosto!”, como o Inominado, eu não parava de repetir: “Mas eu não sou isto aqui; não posso ser reduzido a esta situação desesperada. Eu sou fruto de um amor maior, do amor de Deus. Cristo nasceu por mim. Cristo morreu por mim. E eu quero estar junto de Ti. O meu nome é Cristo. Não ‘eu sou imagem de Cristo’: o meu nome é Cristo. Você é Cristo, pelo Batismo que recebeu!”

Então, a minha respiração começou a coincidir com a respiração de Cristo. Pensem que bonito! “Meu Cristo! Mas quem és tu, ó Cristo, que me destes estes anos de dor, de loucura, para me mostrar a beleza do teu amor por mim?” Eu via o meu “eu” se reconstruir aos poucos. Iam-se juntando de novo todos os cacos destruídos; um aqui, outro ali... Porque a minha vida era como um quarto bagunçado e eu não sabia de que lado começar para arrumá-lo: tirava uma coisa de um lugar e já outro ficava em desordem. Um dia, finalmente, comecei a me olhar com os olhos desse Tu, desse Mistério. A olhar para mim com os olhos da ternura de Cristo.

Até que chegou uma hora em que comecei a sorrir para mim, quando me olhava no espelho. Eu não era aquele garrancho, aquela miséria, aquele zero que pensava que fosse e que todos me julgavam; eu não era um doido. Eu era fruto daquele olhar! Comecei a me olhar com a ternura de Deus. E a partir dali floresceu aquela cidade da caridade que muitos de vocês conhecem, alguns mais, outros menos.

O que é que me permite, hoje, poder viver com alegria? Com alegria, não porque estou emotivamente bem; não porque vivo eufórico. Faz anos que não sei o que significa euforia. Faz anos que não sei o que significa aquilo que vocês pensam que é a felicidade, e que não me interessa. Mas estou contente! Estou cheio de letícia, e por isso também de criatividade, pois a alegria da vida

é a consciência de pertencer, como uma criança, a um Outro.

Eu vejo as minhas crianças doentes, gravemente doentes, se sentirem em paz, contentes, porque se sentem amadas. É o caso das minhas crianças vítimas de violência, que, depois de algum tempo comigo, já não querem saber de psicólogos; não precisam de ninguém. E começam a dizer “eu”. A dizer “papai querido, eu amo você”, como as minhas meninas, que vieram todas se despedir de mim quando viajei e me disseram: “Papai, volte logo”. Essas crianças sofreram as violências mais absurdas da vida, mas, como que por osmose, a consciência desse “Tu que me fazes” se transmite a elas.

Vou contar-lhes um fato. Depois de um ano comigo, algumas das crianças receberam o boletim na escola. E as notas eram todas: “1, 1, 1...” A nota mais alta, no Paraguai, é “5”. Mas eu fiz uma grande festa na pizzeria e disse a todas elas: “Crianças, a finalidade da vida não é passar de 1 a 5. Para isso, vocês têm tempo, têm a vida inteira. O verdadeiro passo é de ‘0’ para ‘1’, de ‘ninguém’ para ‘alguém’”. Ou seja, para começar a pertencer: porque o que torna grande um homem não é responder à pergunta “quem é você?”, mas à pergunta “*de quem é você?*”. João e André não foram logo perguntando a Jesus “quem és?”, mas “onde moras?”. Quiseram saber onde era a casa d’Ele, porque o que faz o homem, o que constrói o eu é pertencer, é uma amizade. Ora, essa amizade me é dada. E é por isso que eu posso dá-la às minhas crianças, aos doentes de Aids (e olhem que já acompanhei até a morte mais de setecentos doentes...). Ou ao travesti, que, depois de meses ali, me diz: “Padre, quero voltar a ser Ruben, não Jessica. Porque o seu olhar, cheio de Cristo, me deu outra vez uma identidade; a relação com você me fez retomar a consciência da minha identidade, que eu tinha perdido aos 14 anos, quando abusaram de mim”.

Domingo passado, uma menina de 9 anos, com câncer no cérebro, quase moribunda, expressou um desejo: “Papai, mamãe: por que vocês não se casam? Antes de morrer, quero vê-los casados”. Vocês precisavam ver quando eles puseram o anel: a menina riu e chorou ao mesmo tempo. Essa menina, ficando conosco, viu-se olhada com ternura, beijada com amor. Com a mesma ternura com que Dom Giussani me abraçou há vinte anos, quando me disse “vá para o Paraguai”, enquanto outros me mandariam para uma clínica. Um abraço como o de Madalena naquela noite; aquelas mãos trêmulas que se aproximam dos pés de Jesus. E Jesus a manda levantar, olha para ela e lhe diz: “Mulher, quem te condenou? Ninguém. Eu também não te condeno; vai, e não peques mais!”

Foi esse olhar, essa amizade, essa relação que me sustentaram por dezoito anos. Até que, um dia, vejo chegarem a Assunção duas pessoas: Marcos e Cleuza. Eles também com um passado dramático: um passado de dor, de luta. Uma vida vivida nas favelas, em meio às atrocidades mais terríveis: denúncias, violência... Com eles também aconteceu o que aconteceu a João e André; o que aconteceu a mim. Um dia, em La Thuile, eles ouvem alguém dizer: “Até os cabelos da vossa cabeça estão contados”. E dizem um ao outro que podiam voltar a São Paulo naquele minuto, pois já tinham entendido qual era a questão da vida.

A questão da vida é que a sua vida não depende de você; você é feito. É que um Outro o ama, não *apesar* dos seus pecados, mas *com* os seus pecados. Por isso eu digo sempre que quem tem vergonha dos seus pecados é porque ainda não encontrou Cristo. Porque quem encontra Cristo já não tem vergonha dos seus pecados; sente dor por eles, que é uma coisa diferente. A vergonha é ainda um nojo de si mesmo. Mas Deus se fez carne, se fez limite por você, e você tem nojo de si? É uma coisa que durante anos me torturou, me pôs em crise, me fez ficar com raiva, me fez odiar a mim mesmo. Até o dia em que percebi o abraço de Giussani. E depois de Carrón, quando me perguntou rindo: “Como vai o seu supermercado?”, pensando em todas as obras que nasceram no Paraguai. “Julián”, eu respondi, “eu sou como a Madalena: de todas aquelas coisas lá, eu não sei nada; Deus olhou para mim, eu tomei consciência de que Ele sempre me olhou assim e, a partir desse olhar de Deus para mim, nasceu tudo. Mas não fui eu: foi Ele quem fez aquele supermercado. A única coisa que me interessa, Julián, é o meu eu. E ver que hoje posso dizer ‘eu’ com toda esta plenitude, com toda esta alegria, com toda esta ironia que antes eu não tinha”.

Porque antes eu já ouvia falar de humanidade, de “levar a sério o humano”; mas que coisa terrível era a minha humanidade... Não passava pela minha cabeça que eu teria todos estes limites, todos estes complexos; não pensava que eu seria todo este ninho de víboras, de coisas boas e ruins,

de obsessões. Não pensava. Por isso, não podia amar o que eu era. Quando aconteceu esse milagre, eu disse: “Como a vida é bela, que grande é este eu!” A partir daí, nada mais me dava nojo; tudo era bonito, até o meu limite. Pois, sem esse limite – como diz Rosetta, uma das primeiras pessoas do Movimento que partiu em missão para o Brasil –, Deus não se teria feito carne. Sem esse nada que é o padre Aldo, Deus não estaria aqui. Sem o nada de cada um de vocês, Deus não estaria aqui! Porque o motivo pelo qual a Encarnação existe é justamente a minha miséria! Se um dia não existisse nenhum homem incoerente e pecador, o cristianismo deixaria de ter sentido...

Depois, um dia Carrón disse à Cleuza e ao Marcos: “Vão ao Paraguai”. Ou seja, vão me encontrar. Mas eu não sabia de nada do que acontecia ali comigo: tomei consciência disso graças ao olhar deles, e eles graças ao de Carrón. Pois, na vida, a pessoa toma consciência de si não porque pensa na sua vida, mas porque um outro lhe diz: “Veja o que Deus está fazendo em você, veja o que está acontecendo!” Era 17 de novembro de 2008, e eles foram me visitar. E eu perguntei a eles: “O que vocês vieram fazer aqui?” E Marcos me respondeu: “Viemos ver como você olha para os doentes”. “E como é que eu olho para eles?” “Você olha para eles como nós desejamos ser olhados.”

Mas, digo eu, esse foi o jeito como Dom Giussani olhou para mim naquele dia, 25 de março, na rua Martinengo, 21 anos atrás, quando parti da Itália para o Paraguai e ele, me abraçando, disse: “Que bonito! Que bonito, padre Aldo, o que você está passando! Agora você está se tornando homem. Agora vai para o Paraguai!” Aquele abraço foi o que desde então sempre me acompanhou. E o Marcos e a Cleuza foram para lá para aprender isso. E a partir dali começou uma amizade que sacudiu mais a América que um terremoto, eu lhes garanto!

Mas entendam que a amizade, para mim, nunca foi uma decisão minha. Eu nunca escolhi nenhum amigo. Sempre os pedi: porque a amizade não é uma capacidade humana, é um dom divino. Eu procurei Giussani porque tinha uma grande pergunta, a mesma pergunta que vocês têm: queria entender o porquê da vida. O porquê da dor. E importunei aquele homem durante meses, até que ele me abriu a porta. E continuei a enchê-lo, porque, quando a pessoa está mal, grita e busca. Foi por isso que me tornei filho de Giussani: porque ele viu que eu era um mendicante, como o filho pródigo. E não foi porque eu quis que me tornei amigo de padre Alberto, mas porque Dom Giussani me entregou nas mãos dele e lhe disse: “Pegue este padre, leve-o com você para o Paraguai e lhe faça companhia”. E ele, por dez anos, viveu para fazer companhia para mim, que não tinha cabeça.

Depois, não é que eu quis me tornar amigo de Carrón: foi a pergunta que eu tinha que me fez buscar e buscar, porque via nele algo que não via em nenhum outro. Via nele a transmissão concreta, carnal, daquele abraço de Dom Giussani de vinte anos antes. Eu me tornei amigo da Cleuza e do Marcos não porque programei isso, mas porque eles, a convite do Carrón, foram me encontrar. E me tornei amigo de tantos e tantos outros não porque fossem simpáticos ou porque fiz alguma coisa, mas porque essa ferida viva e forte que eu tenho em mim me pôs em relação com eles.

Portanto, o que é essa amizade? Como é uma amizade como a que eu tenho com o Marcos e a Cleuza? Em primeiro lugar, nós temos um passado em que fica evidente a misericórdia de Deus. Imaginem só que a Cleuza descobriu há um ano e meio que o pecado existe. Nós voltávamos de umas férias com eles, e ela me disse: “Padre Aldo, sabe que nestas férias, na minha idade, eu entendi o que é o pecado, que o pecado existe?” Que bom que Deus não tem os prazos que nós temos; nós queremos logo a receita. Meu amigo, existe um caminho que você precisa percorrer. Não importa se você vai de cá pra lá e de lá pra cá, se cai ou se às vezes perde o rumo: o importante é que você seja fiel ao seu coração. Como a Cleuza, que hoje descobriu o que é o pecado e este ano descobriu a beleza do que é o matrimônio.

Portanto, a primeira coisa desta amizade é olhar para o nosso passado como um passado de graça. Pois, sem o que Deus permitiu, nós hoje não nos teríamos encontrado nem olhado nos olhos. O que encontramos, como João e André, é fruto de uma seriedade com o nosso pecado, com a nossa miséria, com o nosso compromisso existencial.

E a segunda coisa é que o que nos mantém juntos é o olhar constante para um homem. Um homem preciso, que se chama Carrón. É viver continuamente a provocação de como esse homem

está diante de Cristo. Por isso, não existe uma palavra, não existe um texto, não existe um chamado de atenção desse homem que não nos veja comprometidos um com o outro num trabalho. Que não nos empenhe a trabalhar em cima do que ele diz. A Cleuza leu mais de vinte vezes num mês o que o Carrón disse no Dia de Início de Ano. Ela diz: “Eu estudei até a quarta série do primário; não consigo entender tudo. Mas, vivendo intensamente a realidade, intuo o que ele diz. Mesmo assim, isso não me dispensa de aprender de cor, dia após dia”. Aprender de cor, entendem? Porque, quando nós nos encontramos, nos encontramos simplesmente para repetir uns aos outros aquilo que vivemos. O desafio que vocês ouviram nestes dias. Quem não olha para esse homem não pode crescer. Ou nós nos damos conta de que ele é para nós a forma como o Mistério se revela, ou acabou.

Terceira coisa: é preciso manter sempre aberta a ferida do coração. Não somos nós que nos damos as respostas; devemos conquistá-las dia após dia, e então elas serão eternas. Um dia falávamos com o Carrón sobre o Paraíso. Eu perguntava a ele como é o Paraíso, na sua opinião. E ele me dizia que o Paraíso é uma pergunta constante e uma resposta constante; do contrário, seria um *aburrimiento*, uma chatice. É uma pergunta e uma resposta constantes! Portanto, manter aberta a ferida. E desafiarmo-nos uns aos outros: “Afinal, quem é Cristo, para você? Amigo, vá a fundo nessa pergunta”.

Eu me lembro de que uma vez, quando íamos para o aeroporto, a Cleuza me perguntou: “Padre Aldo, quem é Cristo para você?” Eu entendi logo: “Cleuza, eu sei que você quer me provocar. Quer me provocar para ver se eu respondo como um papagaio ou se estou fazendo um caminho...” Um amigo meu foi de São Paulo a Dublin, para encontrar o Carrón e lhe perguntar quem era Cristo para ele. Esteve com ele vinte minutos. E o Carrón lhe disse: “É a pergunta que eu também sempre estou fazendo a mim mesmo. Nós nos veremos em São Paulo em setembro: vejamos o caminho que você fez até lá e eu lhe contarei o caminho que eu fiz”.

Se não houver uma ferida aberta, eu não tomo o avião a cada quinze dias para percorrer quatro mil quilômetros e ficar com eles das três da tarde às nove da noite. Nem eles, que fazem o mesmo para me encontrar. Se não houver uma ferida que impele você a ir ao médico, uma dor que o impele a buscar ajuda... Sem essa ferida, não existe nada.

Quarto ponto: é preciso que nos ajudemos a viver intensamente a realidade. Um dia perguntei à Cleuza o que significa para ela o trabalho pessoal. Porque eu pensava que fosse raciocinar sobre aquilo que ouvimos; mas, com a minha cabeça indo para todos os lados, menos para o certo, eu não consigo fazer muito isso. Mas ela me respondeu: “Padre Aldo, o trabalho pessoal é viver intensamente a realidade”. Quer dizer: são seis da manhã, toca o despertador. Que significa “fazer o trabalho pessoal”? Significa levantar-se e fazer o que lhe é pedido. E dizer que Jesus é tudo para você. E aplicar isso a todas as coisas, a todas as relações, a tudo o que acontece. O trabalho pessoal é viver intensamente a realidade, pois a realidade é a única amiga que temos.

Em toda a minha vida, eu mais ou menos sempre obedeci aos meus superiores. Mas, depois que obedecia, lavava as mãos. Mas obedecer à realidade foi aquilo que mais me perturbou, porque não me perdoou uma! Todas as vezes que eu obedecia, me irritava, mas saía melhor do que tinha entrado. Já nas vezes em que não obedecia, a realidade me fazia pagar.

Até que um dia aprendi esta lei; para poder sair da minha neurose, estabeleci três regras para mim mesmo. Mas estas regras, na verdade, são as regras de toda a nossa convivência educativa. Regra número um: calos nos joelhos. Porque “eu sou Tu que me fazes”. Ou seja: viver diante do Mistério, sustentado pela Cleuza e pelo Marcos. Em segundo lugar, calos na cabeça. E isto é importantíssimo: olhar, olhar, olhar. Porque o deprimido, pobrezinho, é alguém que tem um monte de pensamentos, que imagina, que diz consigo mesmo “eu não valho nada” e chora em cima disso. Mas na verdade é preciso fazer o trabalho inverso: um tapa, e vamos embora. Tem gente que conversa comigo e diz que eu sou mau, porque sou uma pessoa que diz pão, pão, queijo, queijo. Amigo, nada de choradeira: esta é a realidade! Observar, observar. E depois escrever o que você vê: tudo. A árvore, as flores. Perceber todas as coisas. A partir disso acaba nascendo em você uma paixão em 360°. E, por último, calos nas mãos. Porque aquilo que eu observo se expressa depois concretamente em tijolos, em madeira, em obras, em atividade. Ou num carinho. Pensem no valor

da mão: a mão é o prolongamento da alma, do coração, da inteligência.

Pois bem, essas três regras são também as regras da nossa amizade. No sentido de que tudo o que acontece como consciência desta ferida se exprime dessa maneira. Mas, por último, há um outro aspecto: a atenção a todos os detalhes. Ou seja, a ternura.

Pensem em alguns exemplos: eu chego ao aeroporto de São Paulo, e a Cleuza e o Marcos deixam tudo e vão para lá me esperar. Depois, juntos, fazemos Escola de Comunidade no bar, falamos juntos do que o Senhor está fazendo na nossa vida. Ou outra coisa: o Marcos é deputado; um dia ele tinha um encontro agendado com o governador e chega com uma hora de atraso, dizendo que teve de passar para pegar o padre Aldo. O governador vira para ele e diz: “Mas quem é esse padre Aldo?” “É o meu amigo que me lembra sempre de Cristo. E eu sou o mesmo para ele. Sabe, governador: a coisa mais importante, seja na vida, seja na política, é ter alguém que lhe recorda Cristo”. Imaginem o governador, como ficou diante dessa provocação... Ou a Cleuza, que sabe que eu sou diabético e sempre me leva maçãs verdes, que são as únicas que eu posso comer. “Mas como, Cleuza, maçãs verdes?” É a atenção a todos os detalhes, entendem?

Outro exemplo. Um dia, eles me disseram: “Padre Aldo, pensamos em fazer uma sopa para você”. “Como assim, uma sopa para mim?” “Depois que estivemos em Assunção e vimos os seus filhos, decidimos vender uma sopa no final do encontro de Escola de Comunidade que fazemos a cada quinze dias. Com o dinheiro arrecadado, ajudamos as suas crianças. Mas o motivo não é esse: é para lembrar o seu rosto, para lembrar os amigos.” Ou seja, um gesto de caridade para lembrar quem nos lembra do sentido da vida. Não basta a ferida do coração: devemos ter também gestos que nos remetam constantemente para quem nos lembra de quem somos, de que fomos escolhidos.

Porque a questão, no fundo, é uma só: esta amizade me foi doada. Pessoal, vocês não se devem preocupar com os amigos. Se vocês tiverem a pergunta, Deus lhes dará os amigos. Mas, se não tiverem a pergunta, terão ao seu redor apenas estúpidos; pessoas simpáticas, de quem vocês até gostam, mas que não são amigas. A amizade não nasce de um compromisso seu, de um esforço seu: nasce de um grito que você tem por dentro. E a Cleuza e o Marcos, para mim, são amigos. Como o Carrón. E como o Eugenio, o Franco, todos vocês... Não fui eu que os busquei: eles simplesmente me foram dados. É como alguém que se apaixona: não é que é uma coisa que ele pode fazer; acontece. É algo imprevisível.

Há pouco tempo, um ano depois do início da nossa amizade, nos telefonaram do México, dizendo que queriam que fôssemos até lá. Depois, nos deram de presente umas férias no Caribe, na praia de Cancún. Um dos lugares mais bonitos do mundo. Quando estávamos lá, a Cleuza vira para mim e diz: “Olha só, padre Aldo: entre o mar do Caribe e o seu Victor [Victor é o meu menino que nasceu anencéfalo] não existe nenhuma diferença. Porque quem fez este mar belíssimo é o mesmo que fez o Victor”.

Estão entendendo? Nós podemos gozar igualmente das coisas, mesmo quando aparentemente contraditórias, porque a amizade que nasce dessa consciência acaba com as distinções. E então a beleza passa a ser uma coisa diferente do que é para o mundo. Tanto assim, que quando voltamos, à noite, o avião quebrou na Cidade do México e todos os que estavam conosco ficaram irritados. Como dizia Leopardi, sabem? “Mas se um discorde acento/ o ouvido fere, em nada/ se torna esse paraíso num momento.” Aqueles dias de férias, para eles, tinham-se transformado em nada. Já nós dormimos no chão com alegria no coração, com júbilo no coração, mesmo tendo feito uma viagem de 36 horas. Porque o ponto da vida é realmente uma relação que remete você constantemente ao Mistério. Não lhe dá respostas, indica. Esta é a amizade que existe entre mim e todos os meus amigos. Somos pessoas que vivem com o dedo apontado, como João, naquele dia, no lago de Tiberíades: “É o Senhor, é o Senhor!” É assim, para mim, a amizade com eles.

Caros amigos, eu lhes digo de coração: não se preocupem com outras coisas. Preocupem-se apenas em responder à pergunta: “De quem vocês são?” E em olhar para aquele amigo que mais lhes indica, que mantém a ferida aberta, que lhes faz companhia, que está ao seu lado, indicando-lhes o ponto, o horizonte. Pois o caminho é você quem tem de percorrer. Ninguém tirou de mim o meu esgotamento, a minha dor. Ninguém jamais tirará isso de mim. E não estou interessado em que me tirem isso. Mas o problema nunca será superior à resposta. Nunca vi um problema superior a

Cristo! Lembrem-se sempre: nunca existirá um problema superior a Cristo!

Então, a questão é se Cristo, para você, é realmente a resposta que você busca, que você pede, que suplica. E se realmente você continua a se perguntar: “Quem és tu, ó Cristo, diante do nada que eu sou? Quem és tu, ó Cristo?” E ficar diante d’Ele. Olhá-lo nos olhos, olhar para aquele rosto, como vimos no filme! Basta que o encarem assim como vocês são, que todo o resto virá com o tempo.

Eu tenho 63 anos e faz seis anos que vejo estas coisas com clareza. Até os 56 ou 57 anos não via nada. Mas sempre dei confiança total a alguns relacionamentos humanos autênticos, porque sentia que correspondiam ao coração. Continham uma promessa que eu vislumbrava, mesmo que ainda não a visse concretizar-se. E eis que um belo dia, de repente, sendo fiel ao tempo e com paciência, aparece no horizonte...

Quando vinha para cá, eu via os campos. E pensava na minha vida. Durante muito tempo, o inverno. Depois, de repente, aparecem os brotos! A terra ainda está toda negra, ainda não dá para ver as flores. Mas os brotos já aparecem nas plantas. É isso, a vida é assim. Até chegar a hora em que tudo florescerá. Essa hora virá, como diz o Carrón. Pois a vida é uma belíssima aventura. E eu digo isso a vocês de coração e agradeço-lhes de coração, porque vocês foram um exemplo para mim neste momento.

Mensagem de padre Julián Carrón aos participantes

Caros amigos,

diante da aposta com que vocês foram desafiados nestes dias, sinto que urge dentro de cada um de vocês a pergunta: “Será que Cristo é capaz de cumprir a promessa que fez de responder a toda a exigência de felicidade que sinto vibrar no meu coração?” Só quem aceitar esforçar-se por verificar isso na comunidade cristã é que poderá encontrar a resposta para essa pergunta. Nenhuma resposta dada por outra pessoa, por maior que seja a sua autoridade, pode substituir a evidência da correspondência de que você precisa para responder como homem a essa pergunta. Isso é tão verdadeiro, que Jesus sintetizou todo o método cristão nas palavras que disse aos primeiros amigos que encontrou: “Vinde e vede”. Por isso, dizia Dom Giussani, “se a Igreja não pode trapacear, tampouco o homem pode fazê-lo. É uma verdadeira caminhada que se lhe apresenta, para a qual o seu coração deve estar disponível” (*Por que a Igreja*, p. 341).

Espero curioso o resultado da verificação que vocês vão fazer.

Boa Páscoa a todos.

Seu companheiro de aventura

Julián Carrón